# A capela de Nossa Senhora de Fátima na Igreja de Santo Eugénio em Roma

## Uma obra decisiva no percurso de Luís Benavente

VERA FÉLIX MARIZ

### Nota introdutória

A capela de Nossa Senhora de Fátima na Igreja de Santo Eugénio, em Roma, foi o tema do mestrado que desenvolvemos entre os anos de 2008 e 2010. Nesse âmbito dedicámo-nos ao estudo da capela cujo projecto foi pensado e concretizado entre os anos de 1942 e 1951 como uma forma de homenagear o papa Pio XII, contribuindo, simultaneamente e de forma perfeitamente consciente, para a consolidação da presença portuguesa na *Cidade Eterna*. Como veremos, trata-se de uma obra de arte total para a qual contribuíram alguns dos mais importantes ou promissores artistas da época. Entre estes encontrava-se Luís Benavente, figura que continuámos a estudar durante o nosso doutoramento, tendo tratado, desta feita, uma outra faceta deste arquitecto, a do homem do património e, em particular, do grande responsável pelo desenvolvimento de um projecto pioneiro de salvaguarda dos monumentos ultramarinos de interesse nacional e pela incansável tentativa da sua aplicação.

Presentemente, pretendemos analisar o projecto e a concretização da obra da capela de Nossa Senhora de Fátima em Roma, enquadrando-o no percurso de Luís Benavente e avaliando o seu impacto no rumo seguido pelo arquitecto após esta campanha.

### 1. Luís Benavente: o percurso do arquitecto até Roma

A incursão de Luís Benavente (1902-1993) na arquitectura e no funcionalismo público não terá sido meramente casual, sendo interessante notar que o próprio arquitecto acreditava nesta espécie de predestinação, pois não só recebera (...) *de seus Pais uma sólida formação e educação, guiada por uma inteligência superior da parte de ambos* (...)[1], como teve o seu interesse por esta actividade certamente despertado e apoiado pela família. Afinal, Luís Benavente tinha como tio o arquitecto Tertuliano Lacerda Marques (1883-1942)[2] e como amigo de família o arquitecto Cristino da Silva (1896-1976)[3].

Tendo como (...) *sonho desde sempre* (...)[4] o ingresso no serviço de Monumentos Nacionais da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), Luís Benavente cedo procurou, embora sem sucesso, dar início a este percurso. De facto, antes de ingressar nesta direcção-geral, no ano de 1936[5], Luís Benavente tirocinou e dirigiu o ateliê de Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957) na época do marcante projecto do Instituto Superior Técnico, datando de 1933 o início do seu percurso no funcionalismo público. O princípio desta fase ter-se-á devido em grande parte a Cristino da Silva, arquitecto que havendo recebido um convite do ministro Duarte Pacheco (1900-1943) para desenvolver alguns trabalhos em Coimbra terá declinado, sugerindo o nome do jovem técnico[6]. A fase de Coimbra reveste-se de grande interesse no âmbito do desenvolvimento da actividade e do amadurecimento do pensamento de Luís Benavente, talvez não tanto pelo papel desempenhado no âmbito das construções universitárias e hospitalares mas, sobretudo, pela forma como a cidade histórica e os seus monumentos contribuíram para despertar um notável interesse e sensibilidade para as questões patrimoniais. Ali, pela primeira vez, Luís Benavente deparou-


### The *Capela de Nossa Senhora de Fátima* in St. Eugene's Church in Rome: a decisive undertaking in Luís Benavente's career

**The *Capela de Nossa Senhora de Fátima* in St. Eugene's Church is part of a building campaign conducted by the Holy See as from 1942 to commemorate the Episcopal jubilee of Pope Pius XII. The Portuguese chapel was planned by the architect Luis Benavente and was a decisive step in his career as he would eventually become director of the National Monuments service.**

1 | Itália, Roma, Igreja de Santo Eugénio, fachada principal. No braço esquerdo do transepto encontra-se a capela projectada por Luís Benavente e concretizada com a colaboração de Jaime Martins Barata, Jorge Barradas e Leopoldo de Almeida.

-se com as fragilidades e o valor do património, e com a necessidade de proteger as zonas históricas das consequências potencialmente nefastas da intromissão de construções e de planos de urbanização modernos[7].

No ano de 1938, já no quadro da DGEMN, Luís Benavente desempenharia funções no Serviço de Casas Económicas, de onde transitaria para a Câmara Municipal de Lisboa[8]. Após esta fase de actividade em Lisboa, no campo da arquitectura e do urbanismo, Luís Benavente vê o tal sonho, isto é, o desenvolvimento de uma vida em prol dos monumentos nacionais, concretizar-se: no ano de 1941, Duarte Pacheco entregar-lhe-ia as chaves do Palácio Foz, edifício escolhido para sede do Secretariado Nacional de Informação (SNI), uma obra extraordinariamente carente de uma profunda intervenção, que deveria ser pensada por um (...) *manipulador e recuperador de Património* (...)[9] que a tornasse capaz de reconquistar o brilho de outrora, e que, simultaneamente, a adaptasse ao desempenho de novas funções.

2 | Roma, Leopoldo de Almeida, Nazaré Fernandes e Luís Benavente, fotografia de autor desconhecido, s.d.

Relativamente à sua primeira obra realizada no estrangeiro, sabemos que esta remonta ao ano de 1948, momento em que foi escolhido para seleccionar um edifício em Londres e projectar o plano da sua adaptação a embaixada de Portugal[10]. Dataria igualmente desta época o início do seu envolvimento no projecto que hoje nos interessa: a capela de Nossa Senhora de Fátima, em Roma.

## 2. A capela de Nossa Senhora de Fátima em Roma: da elaboração do projecto à consagração profissional de Luís Benavente

### 2.1. A Igreja de Santo Eugénio em Roma: uma homenagem mundial ao papa Pio XII

A campanha de construção da capela de Nossa Senhora de Fátima tem de ser entendida como parte de um plano consideravelmente mais vasto, uma consequência da intenção do mundo católico prestar homenagem ao papa Pio XII, Eugénio Pacelli (1876-1958), por ocasião da comemoração do jubileu da sua sagração episcopal, a 13 de Maio de 1942. Neste ano

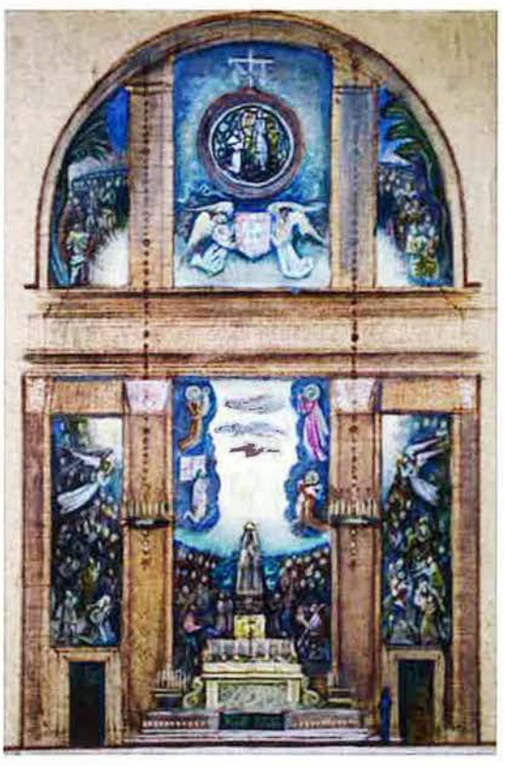
seria criada uma comissão no Vaticano com o intuito de promover a construção de um monumento comemorativo, recorrendo, para isso, a donativos de católicos de todo o mundo. O projecto, a concretizar na *Vialle delle Belle Arti,* seria da autoria de Enrico Pietro Galeazzi (1896-1986), arquitecto que contou com a colaboração dos engenheiros Mario Redini e Arnaldo Mengarini (1905-1951), datando de 28 de Junho de 1942 a colocação da primeira pedra[11]. Tendo em conta a época vivida — a II Guerra Mundial dilacerava a Europa desde o ano de 1939 — é sem surpresa que nos deparamos com o afrouxamento dos trabalhos e, inclusivamente, com uma paralisação total na sequência do dramático bombardeamento de Roma (1943), datando somente de 1947 a retoma dos trabalhos[12]. Por outro lado, é interessante notar como o conflito mundial que ditou a suspensão das obras acabou por contribuir para a introdução de uma nova dimensão nesta campanha: uma demonstração de força, de capacidade de reacção de Roma e do papado. Afinal, é importante não esquecer que a figura do papa Pio XII esteve sistematicamente envolta em controvérsia, uma situação que, na nossa opinião, se explica por uma razão consideravelmente simples: Eugénio Pacelli teve a desventura de ocupar o trono de São Pedro durante um dos períodos mais negros da História da Humanidade, época marcada pelo fanatismo nazi e pela abominável tentativa de submissão da Europa e da exterminação de todo um povo.

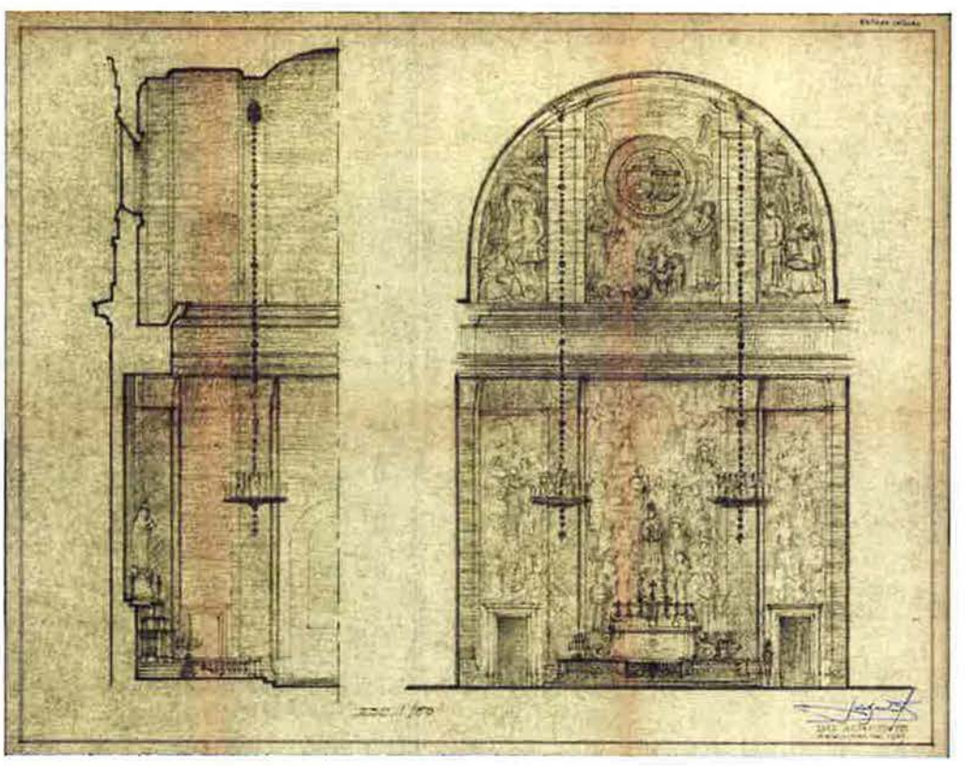
Independentemente de toda a polémica em torno das atitudes do papa Pio XII em relação à *Shoah,* falta delas, ou da sua ambiguidade, a verdade é que a homenagem do mundo católico a este pontífice concretizou-se de forma monumental, materializando-se no *Valle Giulia* num impressionante conjunto do qual podemos destacar a amplíssima nave central, as seis capelas laterais ou o curioso cinema paroquial. A par das seis capelas profundamente eclécticas, em termos de expressão artística e dos materiais utilizados, e da capela-mor, com a imponente escultura em bronze representando Santo Eugénio, deparamo-nos com duas capelas nos braços do transepto, tendo, do lado da Epístola, o espaço dedicado ao Sagrado Coração de Jesus e, do lado do Evangelho, a capela portuguesa consagrada a Nossa Senhora de Fátima.

## 2.2. A capela de Nossa Senhora de Fátima: a homenagem portuguesa

A ideia de Portugal acompanhar a iniciativa lançada pelo Vaticano ter-se-á devido a António Carneiro Pacheco (1887-1957), embaixador junto da Santa Sé que não só sugeriu a D. Manuel Gonçalves Cerejeira (1888-1977) a participação dos católicos portugueses nesta campanha mas, também, a forma de homenagem: a oferta de uma capela para a igreja a erguer em Roma[13].

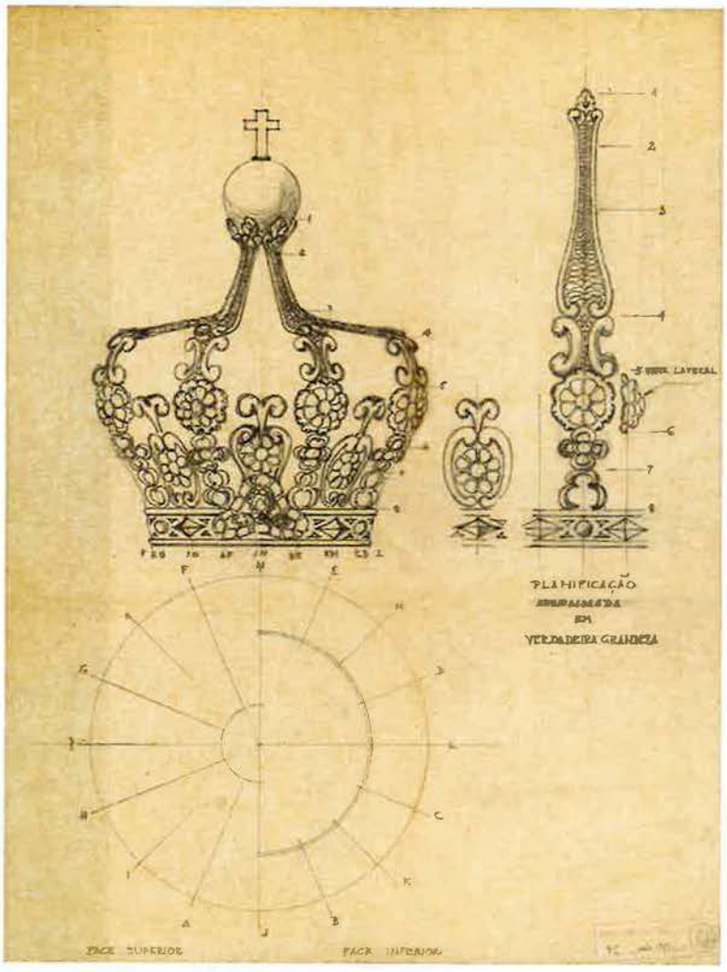
Tratar-se-ia, não por mero acaso, de uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, uma escolha ditada pela importância do fenómeno do culto de Fátima mas, sobretudo, por uma feliz coincidência entre o dia da primeira aparição na Cova da Iria, 13 de Maio de 1917, e a sagração episcopal de Eugénio Pacelli, cujo vigésimo quinto aniversário houvera determinado o lançamento da ideia de construir um templo comemorativo. De resto, esta coincidência, a tal sagração (...) *precisamente no dia e na hora* (...)[14] em que a Virgem apareceu aos três videntes, marca-





**3** | Roma, igreja de Santo Eugénio, capela de Nossa Senhora de Fátima, estudo de Jaime Martins Barata, Julho 1949.

**4** | Roma, igreja de Santo Eugénio, capela de Nossa Senhora de Fátima, projecto de Luís Benavente, 1949. Esta proposta viria a sofrer alterações muito significativas. Fundo da Comissão Nacional da Capela de Nossa Senhora de Fátima da Igreja de Santo Eugénio, Arquivo Nacional Torre do Tombo.




**5** | Roma, Igreja de Santo Eugénio, capela de Nossa Senhora de Fátima, estudo de Luís Benavente para a coroa da imagem de Nossa Senhora de Fátima, elemento que, como outros, não seria concretizado. Fundo Luís Benavente, Arquivo Nacional Torre do Tombo.

ria fortemente todo o percurso de Eugénio Pacelli, um homem de grande devoção mariana e que tinha como uma das suas bandeiras, na linha da mensagem transmitida na Cova da Iria, a paz no mundo.

Não obstante a natureza religiosa da iniciativa estamos, sem dúvida alguma, perante uma questão de grande interesse político para o salazarismo, um regime propugnador de uma separação "concordatada" entre Estado e Igreja mas que colocava Deus como a primeira força da sua bem conhecida tríade — *Deus, Pátria, Família* — e que, neste contexto concreto, compreendeu a importância de um gesto que permitiria divulgar em Roma, em plena Guerra Mundial, o momento de renascimento político, espiritual, cultural, artístico, financeiro ou económico vivido em Portugal. Este entendimento fica perfeitamente patente no documento que anuncia, a 25 de Dezembro de 1942, a criação da comissão angariadora de donativos para a construção da capela, obra que, segundo esclarece, (...) *não é menos patriótica do que religiosa* (...)[15]. A reunião de fundos através da subscrição de "Títulos de Fundação" sobretudo, mas não só, pelas figuras e empresas mais ilustres do país foi relativamente célere, sabendo que a 2 de Junho de 1943, apropriadamente dia de Santo Eugénio, António Carneiro Pacheco transmitiu ao papa Pio XII o sucesso da iniciativa portuguesa[16].

Porém, como dissemos, todo o empreendimento ficaria suspenso na sequência dos bombardeamentos de Roma, datando do ano de 1948 a retoma dos trabalhos. Neste momento, tendo ficado estabelecido desde 1942 que a capela a ofertar seria concretizada com (...) *os mármores portugueses e pelos artistas portugueses* (...)[17], condição que naturalmente mereceu (...) *o franco aplauso do Presidente do Conselho* (...)[18], era necessário definir a composição e os seus executantes, razões que terão levado António de Oliveira Salazar (1889-1970) a solicitar ao ministro das Obras Públicas, José Frederico Ribeiro Ulrich (1905-1982), que auxiliasse na (...) *escolha das pessoas e na orientação do trabalho* (...)[19], assistindo-se, deste modo, a uma nova manifestação de interesse do regime por esta iniciativa, se não da sua apropriação. Certo é que neste momento, portanto antes da selecção dos responsáveis pela concretização da obra, assistimos à inclusão de Luís Benavente neste projecto.

A primeira viagem de Luís Benavente a Roma teria lugar no ano de 1948, momento em que se lança na elaboração do projecto arquitectónico mas não só, pois teria ficado definido desde o momento da sua convocação que lhe caberia, também, o desenho das alfaias litúrgicas e a meditação (...) *na colaboração necessária, pintura e escultura, de modo a acompanhar o nível da obra* (...)[20]. Este entendimento da obra de arte como um todo e do arquitecto como responsável por aspectos que vão muito além do traço da construção, reveste-se de grande importância, sabendo que na sequência deste projecto, e já no campo do restauro de monumentos, Luís Benavente viria a adoptar sistematicamente esta abordagem, delineando intervenções, desenhando padrões de azulejo, alfaias e diversos equipamentos, escolhendo materiais e equipas de trabalho[21]. Neste caso concreto assistiríamos à convocação dos artistas somente após a segunda viagem de Luís Benavente a Roma para apresentar o projecto português. Tratar-se-ia de Leopoldo de Almeida (1898-1975) e de Jaime Martins Barata (1899-1970), cujas propostas para uma imagem de Nossa Senhora de Fátima e um mural em mosaico — que passaria a pintura mural — foram apresentadas e aprovadas em 1949[22], e de Jorge Barradas (1894-1971), que apresentou uma composição para um frontal de altar em cerâmica que seria aprovada no início do ano seguinte[23].

Depois da proposta gizada por Luís Benavente ter ultrapassado a (...) *censura eclesiástica e crítica litúrgica da Santa Sé* (...)[24] e sucessivas dificuldades impostas pela equipa italiana responsável pelo projecto da igreja — situações que implicariam alterações ao nível da composição inicialmente pensada — assistir-se-ia à materialização da capela portuguesa em uma das zonas mais importantes do templo, o braço esquerdo do transepto. Apesar de não termos oportunidade de nos alongar acerca deste assunto[25], interessa-nos destacar que se trata de uma obra monumental expressa numa zona com cerca de 11 metros de altura e 6 de largura, apresentando ao centro o alto-relevo de

**6** | Roma, Igreja de Santo Eugénio, capela de Nossa Senhora de Fátima, um dos estudos para o cálice ofertado pelos portugueses do Ultramar ao papa Pio XII, da autoria de Luís Benavente, c. 1949-1950. Fundo Luís Benavente, Arquivo Nacional Torre do Tombo.

**7** | Roma, Igreja de Santo Eugénio, capela de Nossa Senhora de Fátima, cálice da autoria de Luís Benavente, 1951, em cuja base se encontra a seguinte inscrição: *DE+PORTVGAL+ VLTRAMARINO+PARA+ O+ALTAR+DE+N.ª+ Sr.ª+DE+FATIMA+ NA+IGREJA+DE STO. +EUGENIO+ROMA+ MCMLI.* Fundo Luís Benavente, Arquivo Nacional Torre do Tombo

Leopoldo de Almeida representando a Virgem adorada pelos pastorinhos e heróis/santos da nação: Nuno Álvares Pereira, Santo António de Lisboa, a Rainha Santa Isabel e São João de Brito. Estas figuras são o resultado de um extraordinário esforço de Jaime Martins Barata que aqui teve a sua primeira experiência na pintura mural. A obra de Jorge Barradas, uma representação da *Anunciação*, viria a decorar o frontal de altar.

A inauguração da Igreja de Santo Eugénio teria lugar a 2 de Junho de 1951, assistindo-se no mesmo ano, inegavelmente como uma demonstração de apreço pelo gesto português e, concomitantemente, como um testemunho da tal devoção mariana e a Nossa Senhora de Fátima do papa Pio XII, ao encerramento do Ano Santo *extra urbem* no santuário de Nossa Senhora de Fátima na Cova da Iria.

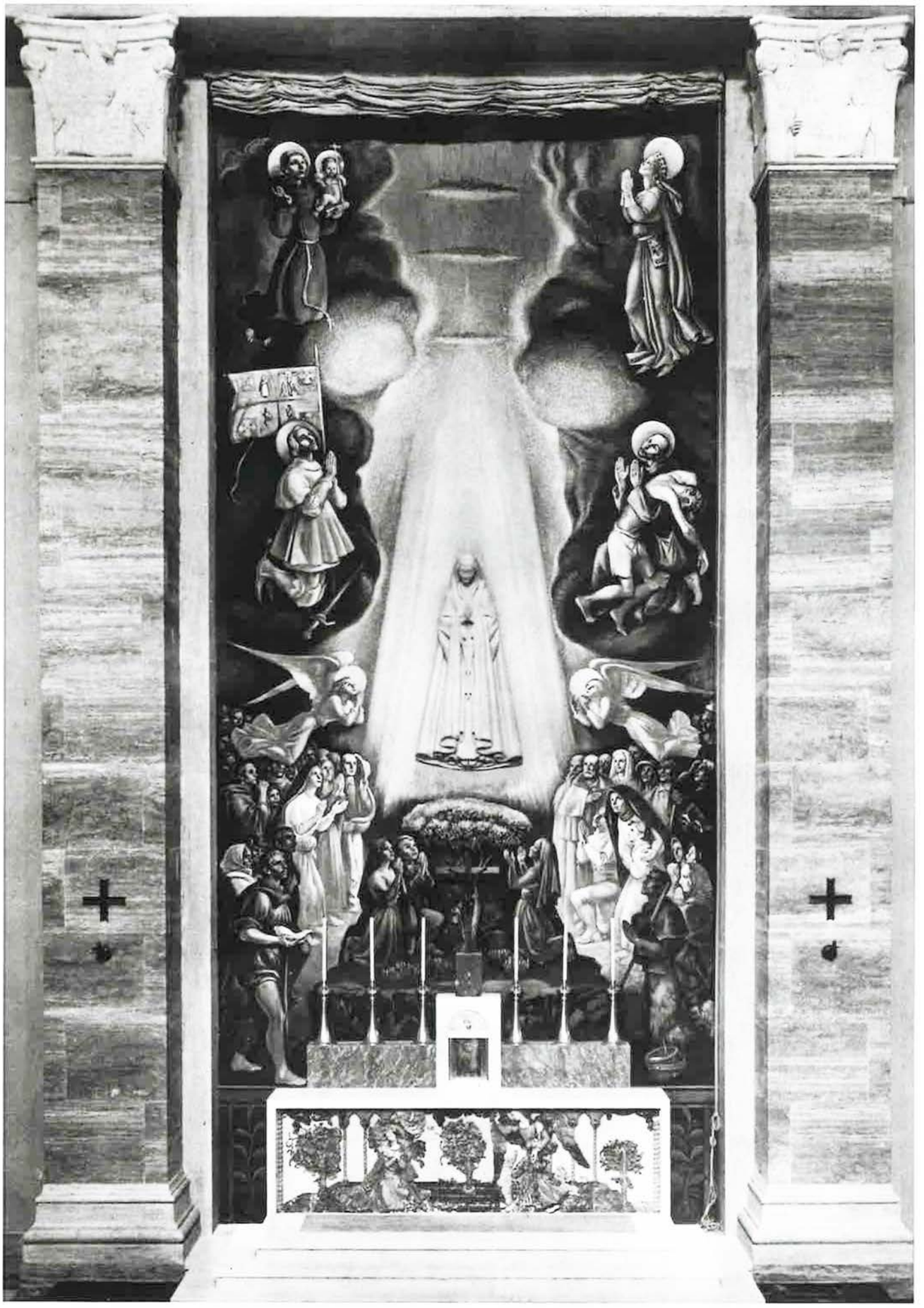
## 2.3. A consagração de Luís Benavente

Neste derradeiro momento interessa-nos reflectir um pouco acerca da forma como Luís Benavente procurou (...) *contribuir para o bom conjunto da igreja e sobretudo para o bom nome do país* (...)[26].

Como vimos, a partir do ano de 1948, Luís Benavente desempenhou um papel preponderante no desenvolvimento e na materialização desta obra, destacando-se não só como o arquitecto da capela, o idealizador e projectista da composição pictórica e escultórica mas, também, como coordenador dos trabalhos desenvolvidos pelos artistas e como elo de ligação com os responsáveis italianos. Concomitantemente, Luís Benavente foi o autor de outros elementos que, a par da composição arquitectónica, pictórica e escultórica, contribuíram para o sucesso desta iniciativa, caso dos castiçais, do tabernáculo, de um cálice, de um cofre e de três sacras de prata. Este envolvimento total do arquitecto, o dirigismo da obra em todas as suas vertentes como forma de garantir um resultado harmonioso seria, de resto, uma ideia defendida anos mais tarde por Mendes Atanázio: (...) *O arquitecto deve comandar toda a construção da igreja. É ele que deve escolher os pintores, os escultores e demais artistas de mosaicos e vitrais. Peça ao engenheiro a resistência dos materiais e a certeza do cálculo. Peça ao clero as informações litúrgicas e as medidas gerais do edifício, o número de pessoas que a devem encher e as possibilidades económicas. Mas continue até ao fim da obra a ser o orientador da unidade espacial* (...)[27].

Os seis castiçais estão presentes desde o primeiro projecto, sendo curioso notar que as diferentes propostas apresentadas por Luís Benavente foram mal acolhidas por Jaime Martins Barata e pelos responsáveis italianos, alegando um aspecto (...) *vulgar no sentido de não finos* (...)[28], assemelhando-se a uma "trompa"[29] invertida. Ainda assim estes castiçais, bem como o tabernáculo projectado pelo mesmo arquitecto, seriam executados pela Sociedade Industrial de Metalurgia. Caberia também a Luís Benavente o projecto para um cálice e um cofre com barras de ouro, obras ofertadas ao pontífice pelos portugueses do Ultramar[30], uma recordação da existência e da legitimidade da dimensão portuguesa ultramarina, obra gloriosa de navegadores e conquistadores mas, também, de missionários, de homens da Fé. Concomitantemente, Luís Benavente gizaria as sacras de prata destinadas a emoldurar pergaminhos preenchidos com uma mensagem dirigida ao papa Eugénio Pacelli, sendo interessante notar que o arquitecto aproveitou dois anjos pensados por Jaime Martins Barata para o tímpano da capela cuja execução acabaria por ser cancelada pelas autoridades italianas[31].

Podemos ainda referir um outro episódio que atesta o profundo envolvimento de Luís Benavente nesta campanha. Referimo-nos ao caso da igreja do Bairro da Encarnação[32], obra projectada por Fernando Peres de Guimarães (1918-2016) com uma pintura mural da



**8** Roma, Igreja de Santo Eugénio, capela de Nossa Senhora de Fátima, imediatamente após a sua conclusão, 1951.

9 | Roma, recepção dos artistas portugueses e familiares pelo papa Pio XII, fotografia de autor desconhecido, 1951.

autoria de Lino António (1898-1974), que fruto das circunstâncias acabaria por ter como orago Santo Eugénio, sendo propositadamente inaugurada no mesmo dia do templo homónimo de Roma para onde se projectara a capela de Nossa Senhora de Fátima. Luís Benavente, responsável máximo por esta obra, acabaria por envolver-se na campanha de Lisboa, propondo alterações aos estudos de Lino António de modo a que a sua pintura mural enquadrasse harmoniosamente uma escultura de Santo Eugénio em bronze com as dimensões do estudo da obra colocada na capela-mor do templo da capital italiana[33].

O papel desempenhado por Luís Benavente nesta campanha não passaria despercebido, tendo sido agraciado pelo papa Pio XII com a comenda da Ordem de São Gregório Magno[34], uma graça pontifícia que tem precedência sobre a Ordem de São Silvestre concedida a Jorge Barradas, Jaime Martins Barata e Leopoldo de Almeida e, como tal, uma evidência da tal preponderância do arquitecto. Porém, a consagração profissional de Luís Benavente não terminaria com o encerramento deste capítulo, datando de 1952 uma outra forma de reconhecimento do prestígio alcançado pelo arquitecto até então: o convite para ocupar o cargo de director do serviço de Monumentos Nacionais sem se encontrar nas condições requeridas pela lei para o efeito[35]: ocupar um lugar na categoria de (...) *arquitecto de 1.ª classe do quadro da Direcção-Geral* (...) ou, em alternativa, ser um arquitecto estranho ao quadro (...) *de provada e reconhecida competência* (...). Devido à falta de observância destas condições, Luís Benavente recusaria o convite, situação que seria ultrapassada devido à insistência do ministro das Obras Públicas e à solução encontrada pelos juristas da Procuradoria-Geral da República[36], datando de 26 de Novembro de 1952 a sua nomeação para o cargo em causa[37].

Para concluir, interessa-nos destacar uma outra situação que comprova a relevância desta campanha na carreira de Luís Benavente, o tal estatuto de obra decisiva. Afinal, durante o período em causa, portanto entre 1948 e 1951, este arquitecto teve a oportunidade de privar com técnicos italianos especializados em restauro de monumentos, tendo mesmo integrado um grupo de trabalho exclusivamente dedicado à protecção e à valorização do património histórico-artístico da Santa Sé e feito amizade com o (...) *Super-Intendente e mais pessoal dos serviços directivos* (...)[38]. Na mesma ocasião, devido às circunstâncias da época, teve igualmente oportunidade de conhecer e de estudar as soluções adoptadas pelo governo italiano no período após a II Guerra Mundial no referente à recuperação do património arquitectónico e artístico parcial ou totalmente destruído durante aquele conflito[39].

De resto é o próprio arquitecto quem afirma a propósito da missão de Roma que esta: contribuiu (...) *altamente para a sua formação especializada; tão vasta e sólida profusão de conhecimentos e prática, só perante tão amplo repositório se poderia adquirir* (...)[40].

## Considerações finais

A capela de Nossa Senhora de Fátima em Roma é, sem dúvida, um interessante testemunho da produção arquitectónica e artística portuguesa além-fronteiras, situação que na época da sua idealização e materialização foi plenamente entendida e aproveitada pelo regime como forma de divulgar a arte e os materiais nacionais, os heróis e a devoção nacional, enfim a história de uma nação profundamente devota e heróica que vivia um apregoado momento de renascimento nacional. Trata-se igualmente de uma obra grandemente devedora da acção multifacetada do arquitecto Luís Benavente que, pelo sucesso alcançado e qualidades que já lhe iam sendo reconhecidas, acabaria por ser nomeado director do serviço de Monumentos Nacionais no ano seguinte à inauguração desta capela. Finalmente, compreendemos que a experiência em Roma, ao nível do contacto com as questões relacionadas com a salvaguarda patrimonial, acabaria por revestir-se de grande interesse para um arquitecto que ao longo do seu percurso procurou sistematicamente estar a par das tendências internacionais da sua área de trabalho.

**Vera Félix Mariz**
Investigadora, ARTIS – Instituto de História da Arte
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Imagens: 1: autora; 2, 3, 8 e 9: Arquivo pessoal da família Martins Barata; 4 a 7: Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas/ANTT.

NOTAS

O texto deste artigo não obedece ao novo Acordo Ortográfico por opção expressa da autora.

1 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 98, pt. 639, doc. 23, 11 de Abril de 1983.
2 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 130, pt. 909, doc. 2, s/d.
3 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 108, pt. 698, doc. 23, 29 de Outubro de 1932.
4 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 130, pt. 909, doc. 135, 8 de Janeiro de 1936.
5 "Despacho". *Diário do Governo*, 26 Fev. 1936, II série, n.º46, p. 1066.
6 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 108, pt. 698, doc. 23, 29 de Outubro de 1932.
7 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 98, pt. 639, doc. 23, 11 de Abril de 1983.
8 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 96, pt. 627, doc. 8, 22 de Dezembro de 1967. Acerca dos trabalhos realizados por Luís Benavente em Lisboa, *vide* José Manuel FERNANDES — "A Lisboa de Luís Benavente". *Luís Benavente. Arquitecto*, pp. 39-49.
9 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 98, pt. 639, doc. 20, s/d [1983].
10 José Manuel FERNANDES — "Os Monumentos. Anos 40-50". *Luís Benavente. Arquitecto*, p. 27.
11 Adriano PRANDI — *La basílica di S. Eugenio*.
12 *Idem, ibidem*.
13 AHPL, PAT14-SP/C-08, 5 de Maio de 1942.
14 Cardeal TEDESCHINI — "As cerimónias na Cova da Iria". *O Século*, 14 Out. 1951, p. 6.
15 DGLAB, ANTT, FCNCNSFISE, [Pasta 1], doc. 1, 25 de Dezembro de 1942.
16 DGLAB, ANTT, FCNCNSFISE, [Pasta 1], doc. 98, s.d. [1943].
17 DGLAB, ANTT, FCNCNSFISE, [Pasta 1], doc. 1, 25 de Dezembro de 1942.
18 AHPL, PAT14-SP/C-08, 16 de Fevereiro de 1948
19 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 22, pt. 149, doc. 2, s/d.
20 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 98, pt. 639, doc. 19, s/d [1983].
21 Cf. Vera MARIZ — *A "memória do Império" ou o "império da Memória"...*
22 DGLAB, ANTT, FCNCNSFISE, [Pasta 2], doc. 135, 15 Agosto 1949.
23 DGLAB, ANTT, FCNCNSFISE, [Pasta 2], doc. 137, 27 de Janeiro de 1950.
24 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 22, pt. 149 A, doc. 57, 3 de Dezembro de 1949.
25 Para um estudo mais profundo, *vide* Vera MARIZ — *A Capela de Nossa Senhora de Fátima...*
26 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 22, pt. 149, doc. 62, 16 Dezembro 1949.
27 Manuel Cardoso Mendes ATANÁZIO — *Arte Moderna e Arte da Igreja*, p. 137.
28 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 22, pt. 150 A, doc. 55, 7 de Abril de 1951.
29 *Ibidem*.
30 DGLAB, ANTT, FCNCNSFISE, [Pasta 4], doc. 13, [1951]; doc. 15, [1951].
31 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 22, pt. 149, doc. 66, 19 de Dezembro de 1949.
32 Acerca deste tema, *vide* Vera MARIZ — *A Capela de Nossa Senhora de Fátima...*, pp. 133-142.
33 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 22, pt. 150 A, doc. 38, 20 de Novembro de 1950; *Idem*, cx. 22, pt. 150, docs. 5 e 6, [1950].
34 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 98, pt. 639, doc. 23, 11 de Abril de 1983.
35 "Decreto-Lei n.º36:314". *Diário do Governo*, 31 Maio 1947, I série, n.º124, p. 489.
36 Luís Benavente deveria demitir-se do cargo de funcionário para ser nomeado de acordo com a cláusula referente aos arquitectos de provada e reconhecida competência que fossem estranhos ao quadro.
37 "Portaria". *Diário do Governo*, 26 Nov. 1952, II série, n.º 279, p. 7305.
38 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 98, pt. 639, doc. 23, 11 de Abril de 1983.
39 A este propósito refira-se que Benavente foi nomeado delegado do Ministério das Obras Públicas na comissão criada para estudar as providências a tomar em caso de guerra tendo em vista a protecção dos bens culturais. A sua experiência em Roma terá certamente contribuído para o desempenho desta tarefa. Cf. DGLAB, ANTT, FLB, cx. 98, pt. 639, doc. 23, 11 de Abril de 1983.
40 DGLAB, ANTT, FLB, cx. 98, pt. 639, doc. 23, 11 de Abril de 1983.

FONTES DOCUMENTAIS

Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa (AHPL), PAT14-SP/C-08.

Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Fundo da Comissão Nacional da Capela de Nossa Senhora de Fátima da Igreja de Santo Eugénio (FCNCNSFISE), [Pasta 1], doc. 1, doc. 98; [Pasta 2], doc. 135, doc. 137; Fundo Luís Benavente (FLB), cx. 22, pt. 149, doc. 2, doc. 62, doc. 66; cx. 22, pt. 149 A, doc. 57; cx. 22, pt. 150, doc. 5, doc. 6; cx. 22, pt. 150 A, doc. 55; cx. 96, pt. 627, doc. 8; cx. 98, pt. 639, docs. 19, 20, 23; cx. 108, pt. 698, doc. 23; cx. 130, pt. 909, doc. 2; doc. 135; [Pasta 4], doc. 13, doc. 15.

BIBLIOGRAFIA

ATANÁZIO, Manuel Cardoso Mendes — *Arte Moderna e Arte da Igreja*. Coimbra: Ministério das Obras Públicas/Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, 1959, 298 pp.

"DESPACHO". *Diário do Governo*, 26 Fev. 1936, II série, n.º 46, p. 1066.

"DECRETO-LEI n.º 36:314". *Diário do Governo*, 31 Ma. 1947, I série, n.º 124, p. 489.

FERNANDES, José Manuel (coord.) – *Luís Benavente. Arquitecto*. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 1997, 157 pp.

MARIZ, Vera – *A "Memória do Império" ou o "Império da Memória". A Salvaguarda do Património Arquitectónico Português Ultramarino (1930-1974)*. Lisboa: s.n., 2016, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, texto policopiado.

MARIZ, Vera – *A Capela de Nossa Senhora de Fátima na Igreja de Santo Eugénio em Roma (1942-1951)*. Lisboa: Centro de História do Banco Espírito Santo, 2011, 175 pp.

"PORTARIA". *Diário do Governo*, 26 Nov. 1952, II série, n.º 279, p. 7305.

RANDI, Adriano – *La basílica di S. Eugenio*. Roma: Ed. Roma Marietti, s.d. [1958?], s/p.

*O SÉCULO*, 14 Out. 1951, p. 6.